

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JULIA CRISTINA FERREIRA

VÍDEOS: AUTOESTIMA EM CONSTRUÇÃO

**CURITIBA
2018**

JULIA CRISTINA FERREIRA

VÍDEOS: AUTOESTIMA EM CONSTRUÇÃO

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, em 2018, do Setor de Educação Profissional e Tecnológica, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Me. Cris Betina Schlemmer

**CURITIBA
2018**

Vídeos: Autoestima em Construção

Júlia Cristina Ferreira

RESUMO

Alguns dos alunos da Escola Estadual Luiz Sebastião Baldo, no município de Colombo, apresentavam problemas de baixa autoestima devido ao preconceito a partir do local em que nasceram ou residem. Visando o fortalecimento desses jovens através da valorização do cotidiano deles, realizou-se uma sequência didática cuja aplicação comprovou o sentimento de rejeição, discutiu os valores norteadores do olhar preconceituoso e procurou desmistificar esse parecer através do diagnóstico dos elementos positivos do município através da criação de vídeos. O trabalho com uma criação de vídeo deve cumprir o objetivo de refinar o olhar sobre a rotina local, procurando destacar o que o difere do dia-a-dia da tumultuada cidade próxima, Curitiba.

Palavras-chave: Autoestima. Respeito. Educomunicação.

1 INTRODUÇÃO

A escola contemporânea, com alunos de interesses e necessidades diferentes de outrora, enfrenta o desafio de avaliar e permitir que as mudanças ocorram para satisfazer esse novo público. Aulas silenciosas ganham um aspecto mais interacionista, o aprendizado se volta para a formação de opiniões, e o aluno é visto como um cidadão mais responsável.

A chegada das TIC's – Tecnologias de Informação e Comunicação - nas escolas, também aponta para novos desafios metodológicos, pois com elas surgem uma revolução no agir e no pensar que viabiliza a construção de um saber mais democrático.

A nova postura já começa no próprio planejamento e que não cabe mais a manutenção dos cadernos e dos livros didáticos como ferramentas principais de

aprendizado, mas que necessitam de complementos tais como até o proibido e polêmico celular na escola.

Salienta-se que o aparelho celular atrapalha as aulas, mas não é diferente de um papel que pode virar bilhetes, ser amassado e virar bolinha, enfim, qualquer material, quando mal usado pode atrapalhar o desempenho do aluno. No entanto, quando acompanhado por regras, pode ser um instrumento para a conquista da cidadania.

No Colégio Luiz Sebastião Baldo, em Colombo, por exemplo, as TIC's serão utilizadas com o objetivo de desconstruir o preconceito que foi percebido durante uma aula de Língua Portuguesa, durante o trabalho com o texto "O assalto" de Luiz Fernando Veríssimo, disponível no livro didático. Depois da leitura, os alunos trouxeram uma queixa à professora, de serem discriminados devido a cidade em que nasceram ou residem, Colombo. Mostraram-se insatisfeitos com as brincadeiras, comentários e olhares quando se identificam aos moradores das cidades vizinhas, Curitiba e demais metropolitanas. Há relatos de alunos que ouviram, no ato da identificação aos referidos, de que não pareciam de Colombo pela calma e limpeza que possuíam.

O uso do celular para a edição de pequenos vídeos poderá concretizar um trabalho de autoestima. As atividades ocorreram durante o segundo semestre de 2017, foram realizadas em sala e também como trabalho para casa e incluíram quadrinhos, vídeos, leitura de livro e seminário.

Esse trabalho contemplará a realidade do aluno, pois sua proposta principal será a resolução de problemas cotidianos das mais variadas naturezas a partir do uso das mídias. Com isso, espera-se que o aprendizado seja construído pelos alunos e mediado pelo professor, pois há maior espaço para a pesquisa e para a comunicação deles, em variadas linguagens. Assim, conforme Assumpção (p.3) "Os meios de comunicação podem possibilitar ao aluno compartilhar democraticamente com outros colegas o saber elaborado e novos conhecimentos."

E, acreditando nessa possibilidade de compartilhar e (re)conhecer o próprio cotidiano, espera-se que os alunos adotem uma postura responsável para mudar o parecer do seu próprio espaço. Dessa maneira, a promoção da criticidade sobre o que se tem realmente e o que se diz a seu próprio respeito deverá desfazer esse

desconforto causado pelo preconceito. Assim, pergunta-se se os alunos vão continuar valorizando mais o que se diz sobre a cidade do que a vida que eles têm no local, será?

Em suma, essa pesquisa descritiva, direcionada aos professores e também alunos, deve fomentar uma troca de experiências para que a percepção sobre o preconceito, de um modo geral, não se esgote que os alunos incomodados possam evitar os males que causados por ele e que, junto a isso, o uso das mídias nas salas de aula possa garantir um modo de aprender menos verticalizado e mais democrático, no qual eles possam expor seus sentimentos e debater ou modificar a própria realidade.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Há muitas maneiras de trabalhar a disciplina da Língua Portuguesa, e isso varia a partir de um contexto, da formação do professor, dos alunos (faixa etária, grau de conhecimento, motivação, etc) e do que se pretende ensinar, mas o que não muda são as questões da alfabetização e do letramento, cobranças incumbidas ao profissional de Letras. Inicialmente, saiba-se que ambos estão intrinsecamente ligados ao grau de desenvolvimento do país, pois, em uma linha do tempo, percebe-se que um é consequência e dependente do outro.

O primeiro conceito registrado de alfabetização, por exemplo, consistiu em qualificar as pessoas como detentoras ou não do ato de saber ler e escrever o próprio nome, e mais tarde, de ler e escrever textos, e depois, percebeu-se que decodificar a escrita não bastava, era preciso ir além de assinar o nome ou copiar um texto, era necessária a interpretação para que o sujeito obtivesse resultados significativos em suas vivências. Assim, nesse momento, de acordo Soares (2014, p.20):

“o analfabeto é aquele que não pode exercer em toda a sua plenitude os seus direitos de cidadão, é aquele que a sociedade marginaliza, é aquele que não tem acesso aos bens culturais de sociedades letradas e, mais que isso, grafocêntricas; porque conhecemos bem, e há muito, esse “estado de analfabeto” (SOARES, 2014, p. 20).

Atualmente, o aprendizado nas séries iniciais do ensino fundamental não segue mais as cartilhas, dispõem textos e enunciados desde os primeiros contatos

com qualquer material, pois a proposta é alfabetizar juntamente com as práticas sociais da escrita para que o aluno consiga utilizar suas habilidades ao ter contato com as diversas literaturas e exigências sociais. Isso é, alfabetizar e letrar simultaneamente para que o aluno possa viver plenamente a sua cidadania.

É claro que essa mudança também provoca estranhamento para os pais e professores que receberam o ensino tradicional que pensava apenas na alfabetização dos alunos, mas conforme haja a superação desse paradigma conservador, novas posturas, mais aproximadas na noção de letramento, poderão gerar mais sentido ao próprio aprendizado do aluno.

A noção de alfabetização e letramento, no entanto, não é universal dado que cada lugar tem seus paradigmas, percepções, avaliações, necessidades e dificuldades no quesito educacional. Sabe-se, inclusive, que cada sociedade, a partir da sua realidade econômica e social, conceitua a seu próprio modo o que é alfabetização e o que é letramento e daí que um sujeito pode ser classificado diferentemente de um lugar para outro enquanto letrado ou alfabetizado.

Na sala de aula, desde as séries iniciais, o aluno deverá ter acesso a diversos gêneros textuais e das mais variadas fontes para que desenvolva as habilidades de leitura e escrita, sem deixar de observar um novo conceito de texto que veio com as mídias virtuais, ou seja, textos que vão além das manifestações linguísticas, pois os diversos gêneros de que se servem os usuários da internet, por exemplo, são ricos e sincréticos porque ganham significado na realização de mais de um sentido por meio de cores, de ícones, de música, de letras que se interpõem, de gifs, enfim, de inúmeras informações que o leitor precisa dar conta para perceber a mensagem que por muitas vezes, são repassadas de modo extremamente implícito, escamoteado.

Os meios virtuais exigem um leitor mais atento e a base linguística tradicional, por si só não dá conta desses gêneros reinventados pelos usuários da internet. Esse fato, com certeza, trará novas necessidades para o ensino da língua materna, pois nota-se que a geração atual lê muito através dos meios digitais, mas que a qualidade da leitura decaiu, exigindo uma melhoria imediata para o trabalho com a formação de leitores.

Dessa maneira, entenda-se uma nova pedagogia voltadas às mídias, considerando os hipertextos, as hipermídias e assim, os multiletramentos. Para Rojo

e Moura (2012, p.21), o uso dessas ferramentas que estão além da escrita manual e impressa, requerem a prática de usar e produzir muitas ferramentas, novas ou não, e da crítica enquanto receptor.

Para os autores, o Multiletramento tem como características principais, i. interatividade; ii. a quebra do poder já conferida a outros meios (máquinas, ferramentas, ideias e textos, verbais ou não; e, iii. hibridismo (mistura das linguagens e culturas proveniente das origens e meios). As características desses novos critérios de (multi)letramentos já não mantêm a semântica silenciosa pela quebra da interpretação e produção de sentido ensimesmada, apesar do respeito à subjetividade.

O uso do celular em sala, nesse parâmetro interativo, passa a ser um importante objeto de estudo podendo servir para comunicar, pesquisar, registrar áudio, filmar, fotografar e copiar telas (printar).

Pelo conceito de pedagogia dos multiletramentos, Rojo e Moura (2012, p. 29) defendem que:

O trabalho da escola sobre esses alfabetismos estaria voltado para as possibilidades técnicas de que os alunos os transformem em criadores de sentido. Para que isso seja possível, é necessário que eles sejam analistas críticos, capazes de transformar, como vimos, os discursos e significações, seja na recepção ou na produção. (ROJO E MOURA 2012, p.29)

Ao utilizar as novas mídias, as atividades dos livros didáticos são substituídas por outras em que o ler e o escrever passam a ser o meio de produzir e compartilhar o conhecimento por meio de uma relação de trocas, de diálogos com outros discursos. Nos artigos da obra organizada por eles há diversas demonstrações, relatos e atividades norteadoras dessa nova proposta de trabalho com a linguagem em que blogs, vídeos, curtas metragem, rádio, etc. compõem um exemplário de inúmeras explorações educacionais.

O professor tem um papel fundamental nessa mudança, pois deverá se interessar por essa nova linha de trabalho, ou melhor, nesse novo modo de aprender não mais verticalizado no qual já foi o maior responsável pelo repasse do saber. Ao contrário disso, muitos professores precisam, hoje, aprender com os alunos para dar um novo sentido às suas aulas que não podem manter como essência os fundamentos conservadores. Mas convém ressaltar que a escola não caminha somente com o olhar do professor, em vista de que os diretores, a equipe pedagógica, os funcionários, os

pais e até a comunidade local devem estar cientes e participar dessa mudança de paradigma.

Por ser essa mudança, uma transformação no ambiente escolar por inteiro e não de modo isolado, é uma necessidade coletiva que exige a colaboração de todos os envolvidos. Não podemos pensar em uma transposição de meios didáticos, mas de uma intervenção muito significativa que mudará toda a comunicação no ambiente escolar, ou seja, é a proposta de uma nova organização social que surge pelo exercício da cidadania.

Assim, o Multiletramento é uma nova forma de comunicação, com novos valores, acordos, rumos. Para Soares (2012, p. 13), essa tendência é melhor entendida como Educomunicação cuja intervenção deverá visar que.

“(...) as novas gerações, quando orientadas por adultos significativos para elas (pais, professores, gestores de projetos na área da mídia e educação), têm optado por assumir suas responsabilidades na construção de um mundo mais intensamente comunicado, contribuindo para que os meios de informação estejam a serviço da edificação de uma sociedade mais humana, pacífica e solidária”. (SOARES 2012, p.13)

Conceituando esse novo jeito de comunicação, Nishizima (2016), em uma reportagem do Jornal Gazeta do Povo sobre Educomunicação traz exemplos de uma ação mediadora:

(...) é montar uma rádio comunitária na escola que seja pensada por estudantes e professores em conjunto. É sugerir que adolescentes saiam pelo bairro à procura de figuras conhecidas, as entrevistem e depois escrevam um relato dessa experiência (liberdade poética também é importante aqui). É fazer uma saída fotográfica para o centro histórico da cidade, ter uma aula de História lá e depois selecionar as melhores fotos e publicar no jornalzinho da escola. É trazer os vídeos e programas favoritos da gurizada para debater... qualquer tema e ainda de quebra instigar críticas ao modelo e linha argumentativa apresentados no produto audiovisual. É sair do modelo de educação verticalizado (no qual o professor é visto como único detentor da palavra, enquanto os demais se limitam a escutar e fazer anotações) para construir e (melhor ainda) desconstruir noções coletivas do que é aceitável ou não. (NISHIZIMA, 2016).

Porém, no encaminhamento das atividades, o professor deve cuidar na hora de utilizar a tecnologia, pois mesmo aprendendo com os alunos ou em cursos de capacitação, alguns professores, quando em contato com a máquina, apresentam dificuldade para utilizá-la de um modo interativo e transformador no qual a sua função

ganhe um perfil de mediador que não dispensa o convívio humano, pois as tecnologias não resolvem os problemas sem que uma pessoa a maneje. A diferença está na decisão dialogada dessa pessoa, e por isso que a educomunicação não pode ser classificada como um conceito mas sim como uma intervenção, porque modifica o pensar e o agir da sociedade.

Desse modo, Soares (2012, p.45) ressalta que a produção dessas mudanças deve atingir os desafios atuais, “mobilizada por graves questões relacionadas à vida, à ética, ao planeta, ao trabalho, à convivência entre diferentes, à dignidade humana.”

Esses cuidados foram os princípios norteadores durante execução do projeto que usou vídeos como ferramenta para a melhoria da autoestima dos alunos no oitavo das séries finais do Ensino Fundamental, em uma escola situada no município de Colombo, no Paraná.

Os estudantes dessa escola sentem-se mal, pois além de passarem pelas conturbações da juventude, enfrentam o preconceito social que se cria através das informações de teor violento veiculadas pela televisão, rádio e jornal. É certo que o município apresenta problemas, mas é errado pensar que todos os moradores dali sejam violentos ou perigosos. Não é justa a forma como a sociedade desenvolve formas de catalogar comportamentos, pessoas, lugares, subjugando-as como inferiores, incapazes por não terem um poder aquisitivo ou aparência desejada pelo outro.

Eles não são os mesmos pobres retratados pelas novelas e programas da televisão, com casas similares à dos ricos criando uma realidade paralela, são pessoas que trabalham muito e tem dificuldade de tempo e de dinheiro para organizar suas casas no padrão do rico como a mídia sugere nas novelas, por exemplo.

Cabe à escola, fazer com que os jovens percebam o modo como não questionam e aceitam comportamentos, atitudes, referências, valores, sem pensar nos motivos que os levam a fazer deste ou daquele jeito uma determinada coisa. Aceitar qualquer estereótipo sem questioná-lo é uma forma de contribuir para a violação dos direitos das pessoas, sem compreender que ela é e pode ser diferente sem perder o princípio dos direitos iguais para todos na Constituição Federal de 1988, artigo 5º.

Uma diferença não é crime, é um direito, e quem julga um grupo sem questionar se esse realmente possui as características atribuídas, ou a razão no caso

de possuí-las, este sim é considerado intolerante e no caso deste discriminar o outro, passa a ser considerado um criminoso.

O entendimento ao direito dessa diferença tornará esses jovens mais fortalecidos, pois para Camargo e Bulgacov (2006, p. 138):

“a identidade envolve diversas dimensões: o substantivo próprio que nomeia o ser, a posição social e da família, o ser membro de uma espécie, a perspectiva geográfica e histórica e as relações de poder em uma sociedade, inclusive as expectativas de futuro de um grupo” (CAMARGO E BULGACOV, 2006, p. 138).

O estudo das diferenças entre as realidades desses estudantes, a que lhe atribuem e a que vivem, revelando as coisas boas que realmente existem, renovará o olhar cansado de desmerecer o espaço próprio e é por meio da interação que isso será realizado, pois sabe-se que a pessoa se realiza por meio da interação com o outro, reconhecendo-lhe e sendo reconhecido por ele.

Para mudar o olhar, saiba-se que esse tipo trabalho envolve a cidadania, o ensino da tolerância, o exercício da democracia, a capacidade de estranhar e investigar o outro sem discriminá-lo. A conquista dessa virtude é o entendimento de que, conforme Machado (2016, p. 85):

(...) trata-se de respeitar o outro como diferente de mim, sem procurar dissolvê-lo em minha análises, situá-lo em meu cenário, traduzi-lo em minha linguagem. Trata-se de valorizar suas perspectivas, de reconhecer a existência de cenários diferentes do meu, de colocar-me em disponibilidade para comunicar-me com ele, ainda que continuemos a falar línguas diferentes, a alimentar projetos diferentes. A tolerância exige, portanto, conhecimento, compreensão e reconhecimento do outro como outro, diferente de mim, e tal caracterização pode conduzir, inclusive, à subversão de máximas aparentemente consensuais, como registrou Bernard Shaw, certa vez, com sua fina ironia: ‘Não façam aos outros aquilo que gostariam que fizessem a ti: eles podem não gostar’. (...) A diversidade humana é regra, não apenas no terreno biológico, mas também em termos culturais, ou sobretudo no que se refere aos projetos pessoais de existência. (MACHADO, 2016, p.85).

3 METODOLOGIA

A instalação de hábitos, de olhares e posturas exige ações bem direcionadas e flexíveis, em vista de que não estamos livres, mesmo diante de boas ideias, de

precisar adequar os planos às condições de realização durante a execução de um projeto.

Assim, participar de um projeto é sonhar, é ansiar por um futuro melhor, é fazer as mudanças internas e externas, é readaptar-se todos os dias ao melhor, apesar dos equívocos cometidos e de acordo com Machado (2016, p. 32) “(...) não ter ilusões é crer que não vale a pena prosseguir seguindo as regras, é desistir de jogar o jogo da vida.”

Não tem como desistir de orientar um grupo para a cidadania, ainda mais quando são seus alunos e apresentam uma queixa que pode ter uma melhoria, infelizmente não no sentido de para o preconceito do outro, mas sim de melhorar o próprio preconceito sobre si próprio.

De que maneira mudar esse olhar para o que ouvem e veem?

As atividades foram planejadas a partir dessa necessidade em uma turma alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Luiz Sebastião Baldo – Ensino Fundamental (séries finais) e Médio, situada no município de Colombo. Nesse estabelecimento de ensino, estudam cerca de 1500 alunos distribuídos em três turnos, manhã, tarde e noite; que são na maioria oriundos de famílias de baixa renda, na média de 2 a 3 salários mínimos, cuja rotina impõe muitas vezes, a ausência dos pais durante a semana, no período diurno, ficando os alunos responsáveis pela manutenção da limpeza da casa e pelo cuidado dos irmãos mais novos.

Durante a leitura de um texto que faz alusão a um falso assalto praticado por um inocente e pobre jovem, um crime não praticado mas alimentado pelo preconceito de uma família de classe média e também pela ajudante da casa, houve uma identificação imediata com o personagem e alguns alunos chegaram a comentar a angústia e revolta que sentem, em comum com a personagem do garoto porque também sofrem preconceitos de classe social.

Dessa maneira, não aceitando esse sentimento de baixa autoestima, segue, na tabela abaixo, o roteiro planejado para a melhoria dessa situação vexatória:

QUADRO 1 – ATIVIDADES

Momento	Atividade	Objetivo
1ª. aula	Atividade de quadrinho: Como me veem?	Perceber o modo como eles se imaginam vistos pelos curitibanos.

2ª. aula	Apresentar o projeto juntamente com a citação do escritor Jaime Pinsky, discutindo a necessidade deles reagirem ao preconceito de um modo pacífico.	Apresentar o projeto e sua essência de reconstrução centrada na valorização pessoal e não na destruição do outro.
3ª. aula	Vídeos do grupo “Tesão piá” e discussão.	Discutir as características em comum com os curitibanos para enumerá-las no quadro de giz.
4ª. aula	Vídeos do grupo “Tesão piá” e discussão.	Apontar as características que concretizam a construção da identidade do curitibano através do humor.
5ª. aula	Vídeos do grupo “Tesão piá” e discussão.	Reconhecer o preconceito contra os moradores de Colombo presente no vídeo assistido e discutir sobre a necessidade de uma ação de retorno usando o mesmo estilo de vídeo.
6ª. aula	Formalização do trabalho.	Estipular as notas, data de entrega, modo de fazer, regras condizentes com o trabalho, alertas sobre o uso da imagem de outras pessoas e o cuidado com os roubos de celulares pelas ruas da cidade.
7ª. aula	Exibição dos vídeos produzidos pelos alunos e debates sobre os mesmos.	Conhecer o trabalho dos colegas e dialogar sobre os resultados atingidos.

FONTE: a autora (2018).

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Para comprovar o preconceito, os alunos realizaram a 1ª. atividade que consistia em um jogo de perspectiva de como me veem. Como material de apoio puderam de ver, na televisão, as brincadeiras desse estilo que foram copiadas da internet. Os alunos deveriam fazer o mesmo em quatro quadros, destinando o último para o modo como eles se imaginavam pelo olhar dos curitibanos.

De trinta desenhos, apenas dezessete estavam bem significativos e estão disponíveis em uma nuvem virtual, do aplicativo Dropbox (<https://www.dropbox.com/s/ndvju3r6ks75rdv/Scanner01.pdf?dl=0>).

Entre os selecionados, quatorze apresentam preconceito provenientes:

QUADRO 2 – TIPOS DE PRECONCEITOS

Tipo do preconceito	Apontamentos
Sexual (meninas fáceis)01
Pobreza04
Violentos04
Higiene e vestimentas insatisfatórias05

FONTE: a autora (2018).

A segunda atividade iniciou com a cópia no quadro de giz, de uma citação de Pinsky (2001, p. 8):

“Antes de afirmar que uma categoria social é assim, devemos ponderar se é realmente assim. Se uma característica, um comportamento qualquer, aparece com certa frequência em pessoas pertencentes a determinada raça, sexo, origem ou categoria social devemos ter o cuidado de não generalizar esse comportamento para o grupo como um todo e, sobretudo, indagar se essa característica realmente ocorre e, nesse caso, por que ocorre.” (PINSKY, 2001, p.8).

Por meio dessa afirmação e da apresentação dos resultados da atividade anterior, os alunos entenderam que os curitibanos eram intolerantes com eles no início dos relacionamentos, mas que a diferença acaba sendo esquecida com o passar do tempo. Lembraram também que não é mentira que há pessoas condizentes com as condições apontadas pelo grupo preconceituoso, mas que não podem ser confundidos com estes. Logo, a frase em análise os fez perceber de que não há preconceito que supere o poder do conhecimento.

Expliquei-lhes sobre a necessidade de uma reflexão mais extensa sobre esses dados e do sentimento ruim que causam neles, e anunciei que algumas atividades seriam realizadas no decorrer dos próximos encontros, intercalados por outras aulas fugindo do planejamento anual, durante dois meses, e que o objetivo das tarefas seria o de construir uma nova crítica, um novo olhar a resultar em um vídeo que seria apresentado aos professores do curso de especialização de Mídias, na Universidade Federal do Paraná. Eles ficaram curiosos com as atividades e motivados pela valorização do trabalho deles.

A terceira atividade foi a exibição do vídeo “Busão” – parte 1, do Grupo Tesão Piá. O tema da aula foi, basicamente, as semelhanças entre Colombo e Curitiba.

Foram apontadas:

- a ausência das estações tubo;

- a superlotação dos ônibus;
- a falta de sensibilidade dos usuários com os outros quanto ao mau uso de mochilas, dos lugares reservados (alguns discordam sobre essa prática), do uso do som alto, dos homens e mulheres que esfregam seus corpos nos dos outros, dos atrasados que correm para embarcar no veículo, dos alunos do Colégio Estadual do Paraná – CEP - que fazem bagunça e da demora de alguns passageiros ao passar pela catraca;
- o despreparo de alguns motoristas diante do tempo a cumprir o itinerário.

Nesse diálogo, confessaram que discordam que os idosos tenham lugares preferenciais, daí coube uma discussão sobre o cansaço que as pessoas da terceira idade sentem, dos problemas que muitos deles enfrentam com a queda que pode resultar na quebra da bacia, enfim, coube uma sensibilização para que não usem mais a desculpa de dormirem ao invés de darem o lugar aos idosos.

Quanto aos alunos do CEP, alguns reclamaram da bagunça, mas outros pensam que o comportamento animado deles não incomode conforme mostra o vídeo.

Quanto aos meninos que aparecem com som alto, alguns brincaram “é nós” porque alguns deles se aproveitam do espaço público para demonstrar seu gosto musical.

Na quarta atividade também teve exibição de um vídeo, “Clima em Curitiba” – parte 1, do mesmo grupo de comédia. No término dele, os alunos já comentaram as semelhanças sob o efeito do frio, dos costumes, do lado sofrido de trocar de roupas, de tomar banho, da espera pela neve que veio fraca da última vez, do ato de secar as roupas atrás da geladeira e alguns deles, no fogão à lenha, dos bons momentos nos cobertores, enfim, enumeraram costumes, palavras (toró, friarca, cair geada) e até o frio como desculpa para faltar aos compromissos.

Por meio dessas observações já realizadas, foi mais fácil mostrar que essas características foram bem aproveitadas pelos meninos na elaboração dos vídeos assistidos, pois a identidade é feita através dessas qualidades do curitibano, da fala, dos vestuários, dos costumes, enfim, nenhum detalhe é esquecido nessa construção de identidade.

A quinta atividade foi a mais construtiva, nesta exibiu-se um novo vídeo do grupo, “Tessão Piá na Copa”. Neste episódio os personagens ilustram o preconceito que os curitibanos têm em relação aos moradores de Colombo em duas cenas; na primeira há duas meninas prometendo agredir o juiz, mas quando uma terceira grita “acerta uma voadeira”, elas se entreolham e uma diz “essa é de Colombo”; e na segunda cena as mesmas meninas ilustram o medo de uns turistas de Colombo, um deles com uma garrafa de cachaça e corrente grossa fechada com cadeado no pescoço. Durante as cenas os alunos riram mas no término os alunos queixaram-se “até eles, professora!”, e assim mostrou-se que esses episódios são inspirados na realidade, que as cenas foram, na verdade, sem querer, uma certa denúncia sobre o preconceito que as pessoas praticam sem pensar, como o caso das meninas agressivas que julgam a outra que apresentou comportamento idêntico aos delas ou de uma vestimenta e bebida que as fizeram a procedência das pessoas como de Colombo.

Dessa maneira, cabe aos alunos e moradores de Colombo, adiantar essa valorização do município, seja pelo viés da informação, da pesquisa, da divulgação de eventos ou até mesmo do humor.

A sexta etapa era falar sobre o próximo trabalho, conferindo notas, estipulando prazos, inclusive tiveram duas semanas para a elaboração do vídeo que deveria focar nas coisas que diferenciam Colombo de Curitiba que é a simplicidade do cotidiano. Como motivação, foi explicado à eles que muitas pessoas que residem em Curitiba gostariam de acordar com o canto do galo e dos passarinhos, que não tem espaço para brincadeiras de rua, que não possuem o contato com o espaço verde na vizinhança, que mal conhecem seus vizinhos, logo, que perdem em alguns aspectos para as pessoas que residem em Colombo.

Dessa maneira, ficou acertado que essas diferenças deveriam ser exploradas na elaboração dos vídeos que deveriam focar nos aspectos positivos da metropolitana e não na deterioração da imagem de Curitiba.

Também foram alertados para a questão da segurança durante os vídeos, que deveriam ser supervisionados pelos pais devido ao alto índice de roubos de aparelho celulares na região, ou mesmo pelas questões de trânsito ou de cuidado com a vizinhança, para não incomodarem.

Por fim, a última e melhor parte era a exibição dos vídeos feitos por eles mesmos, no bairro, retratando o cotidiano deles. Foram produzidos quatorze vídeos como trabalho final, em grupo, e destes apenas seis valorizaram o município de Colombo conforme o combinado, três vídeos desvalorizavam Colombo afirmando a violência e a sujeira ao lugar, dois abordaram o clima que não é uma qualidade em si, dois trabalharam o comportamento juvenil e um pode ser considerado ofensivo pelos curitibanos pois fala-se mal de uma menina e afirma-se no final “essa é de Curitiba”.

Dos vídeos que valorizaram a cidade, um abordou a simplicidade das vestimentas nos mercados e os demais valorizaram as brincadeiras de bicicleta, de carrinho de rolimã, de bola e de cultura local.

No geral, contemplou-se neles a exposição da rotina do lugar, a interação entre as pessoas, os sistemas falhos como o trânsito, mas além disso, a experiência que procurou valorizar o que se tem.

A vida mostrada pelas câmeras de celular aponta para a urgência de mudar o olhar midiático, de pensar nas pessoas que foram representadas nos vídeos, que os próprios alunos deram um limite à visão dos seus interlocutores, permitindo a visão apenas das coisas que foram mostradas.

Dessa maneira, brincando com a câmera, puderam refletir sobre a importância no ato de criar vídeo e também no de interlocutor, pois não podemos acreditar no arranjo de uma realidade autoritária e preconceituosa.

Assim, o trabalho com o vídeo cumpriu as expectativas, lembrando que todos foram satisfatórios, mesmo aqueles que não contemplaram o solicitado. Com sorte, todos investiram no cotidiano, pois mesmo quando não apontaram para as vantagens de Colombo, abriram o espaço para a discussão das ideias veiculadas por eles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com as mídias abre possibilidade para uma série de abordagens diferenciadas e do gosto dos alunos, pois eles tem facilidade em se expressar através de novas linguagens, inclusive os alunos com dificuldade de aprendizado.

Durante a realização do projeto, todos demonstraram interesse em ajudar, mesmo os alunos que já se encontravam praticamente reprovados, porque gostaram das atividades propostas.

A quebra do silêncio em alguns momentos não foi um problema visto que um ambiente de interação abre espaço para reforçar as regras como o respeito à opinião do outro, o turno de fala de cada um, e, espelhando-se no outro, criticaram sem ofender, da mesma forma que receberam as críticas.

Entenderam que estas podem tanto boas quanto ruins e que o importante é não estar à margem da discussão e que o diálogo contribui para novas descobertas, como a de sentir-se entristecido como o colega e junto com ele, discutir sobre as incoerências daqueles que lhes designam falsas qualidades.

Melhorar a imagem do município através dos vídeos, dessa maneira, foi uma maneira de mostrar que ao melhorar uma condição, perde-se outras possibilidades, como o caso de Curitiba que urbanizou muito rapidamente e perdeu sua condição de espaço destinados às brincadeiras infantis. No entanto, não se trata de competir com Curitiba, mas de fazer com que esses jovens percebam a simplicidade que foi perdida na capital paranaense.

O projeto realizado trabalhou com a mudança de paradigmas, foi uma intervenção que modificou o pensar e o agir, conforme Soares anunciou ao falar sobre a importância da Educomunicação.

Em suma, este trabalho pode e deve ter continuidade para garantir essa possibilidade de mudança nas salas de aula que levam mais em consideração as disposição dos alunos para realizar as atividades, conciliando-as com os seus costume, pois o mundo é cada vez mais, envolto pelo virtual, sem acarretar perda na vida das pessoas.

REFERÊNCIAS

- ASSUMPÇÃO, Zeneida A. de. **A rádio na escola**: uma prática educativa eficaz. Disponível em: http://www.ead.sept.ufpr.br/moodle/pluginfile.php/24580/mod_resource/content/1/Radio_na_Escola_-_Uma_pratica_educativa_eficaz.pdf - acesso: 18/04/2018 às 22h.
- CAMARGO, Denise de & BULGACOV, Yara L. M.(orgs). **Identidade & emoção**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2006.
- MACHADO, Nílson José. **Educação**: cidadania, projetos e valores. SP: Escrituras Editora, 2016.
- NISHIZIMA, Paula. **Educomunicação**: o que é isso?! – Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/educacao-e-midia/educucomunicacao-o-queeisso/> - acesso: 13/03/2017 às 10h08
- PINSKY, Jaime (org.). **12 faces do preconceito**. 4ª. ed. SP: Contexto, 2001.
- ROJO, Roxane H. R. & MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**: anos finais do ensino fundamental regular – Língua Portuguesa. SP: Parábola Editorial, 2012.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação** (livro eletrônico): o conceito, profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. SP: Paulinas, 2012.
- SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3ª. ed. 2ª. reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- Tesão Piá na Copa**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hJVmtRnYUE4> – acesso: 05/03/2018 às 11h07.
- Tesão Piá no Clima em Curitiba** 1. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=v17Ild2EGl> – acesso: 05/03/2018 às 11h11.
- Tesão Piá em Busão** 1. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tRAfmFtiU74> – acesso: 05/03/2018 às 11h13.